



Universidade de Brasília  
Faculdade de Ciência da Informação  
Curso de Graduação em Museologia

Marcela Villa Real Franco Tavares

**Reflexões sobre Escolas e Museus:  
Uma breve análise da função educativa e da escolarização dos  
Museus**

Brasília/DF

2014

Marcela Villa Real Franco Tavares

**Reflexões sobre Escolas e Museus:  
Uma análise da função educativa e da escolarização dos Museus**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília como parte dos requisitos parciais para a obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Orientadora: Patrícia Pederiva

Brasília/DF  
2014



## FOLHA DE APROVAÇÃO

### ***Reflexões sobre Escolas e Museus: Uma breve análise da função educativa e da escolarização dos Museus.***

Aluna: Marcela Vila Real Franco Tavares

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

#### **Banca Examinadora:**

Aprovada por:

Orientadora:

\_\_\_\_\_  
**Patrícia Lima Martins Pederiva**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Doutora em Educação- UnB**

Membro:

\_\_\_\_\_  
**Ana Lúcia de Abreu Gomes**  
**Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)**  
**Doutora em História Cultural- UnB**

Membro:

\_\_\_\_\_  
**Sonia Marise Salles Carvalho**  
**Professora da Universidade de Brasília (UnB)**  
**Mestre em Ciências Sociais- UnB**

Brasília-DF, 09 de dezembro de 2014.

Dedico este trabalho à família e amigos.

## **Agradecimento**

A minha família, pela paciência com o processo e os excessos ao longo da jornada acadêmica;

À Professora Patrícia Pederiva, pela liberdade, paciência e orientação;

As Professoras do curso de museologia da Universidade de Brasília, Ana Lúcia Abreu, Andreia Considera, Celina Kuniyoshi, Deborah Santos, Elizangela Carrijo, Marijara Queiroz, Monique Magaldi, Silmara Kuster, pela dedicação e esforço;

Aos amigos, por estarem comigo.

O educador, pelo menos o ideal que minha imaginação constrói, habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas visões, paixões, esperanças e horizontes utópicos.

Rubens Alves

## **RESUMO**

Este trabalho se propõe a uma breve análise da função educativa e do processo de escolarização dos museus, através da relação constituída pelo museu e a escola. Procurou-se compreender as modificações a cerca do conceito de museu delineando as relações com a educação ao longo do processo histórico da instituição para compreensão do museu enquanto espaço educativo. Debate-se a relação entre o museu e a escola principalmente o processo de escolarização do museu.

**Palavras-chave:** Escola, Escolarização, Função educativa, Museu.

## **ABSTRACT**

This work aims to make a brief analyses of the education function and the schooling process of the museum, based on the relation bild between the museum and the school was sought to comprehend the modification about the concept as museum delineating the relation with the education thought the historical process of the institution to understand the museum as an educational space the relation of the museum and the school is debated, mainly the schooling process of the museum

**Keywords:** Educational function, Museum, school, schooling.



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Escola x Museu	36
Quadro 2 – Ações: Museus x Escola	37 e 38

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**ICOM** – Conselho Internacional de Museus

**IBRAM** – Instituto Brasileiro de Museus

**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional

**LAMCE** – Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação

**MHN**- Museu Histórico Nacional

## Sumário

Memorial .....	12
Apresentação .....	15
Capítulo I.....	18
1. Breve histórico dos Museus.....	18
1.1 Educação, Museu e Brasil.....	25
Capítulo II.....	30
2. Museus como espaço educativo.....	30
2.1 Função Educativa dos Museu.....	32
2.1.1 Público .....	32
2.1.2 Exposição .....	33
2.1.3 Ações Educativas e Culturais .....	34
Capítulo III.....	35
3. Escola e Museus.....	35
3.1 Crítica à Escolarização .....	38
3.2 Escolarização dos Museus.....	40
4. Considerações finais .....	44
Referência bibliográfica .....	45

## Memorial

Me deixar presente neste trabalho e me apresentar, para aqueles que se dispõem a ler o texto, é talvez a maior dificuldade de todo o processo reflexivo que é este trabalho. Nasci em Brasília, tenho 23 anos, morei a maior parte da minha vida no Núcleo Bandeirante, uma das primeiras cidades construídas com a construção de Brasília.

Sempre fui muito próxima a minha família materna, que é muito numerosa e expansiva. Onde a maior parte dos membros da minha família são umbandistas, sendo minha avó Mãe de Santo em um Terreiro de Umbanda. Local onde passei muitos anos da minha infância, brincando, auxiliando minha avó nos preparativos ou até mesmo enquanto criança até a pré-adolescência frequentando. Em conjunto com as práticas religiosas da minha família, uma chácara que possuíamos em Planaltina de Goiás foi muito importante pra minha infância, pois este era o local em que ia nas férias e finais de semana, espaço em que todos os primos se reuniam para brincar e onde pude dispor de um contato grandioso com a natureza e a liberdade de sair cedo pra brincar e só voltar para comer e tomar banho e ninguém ditando para as crianças as formas de brincar e agir.

Outro espaço marcante no meu desenvolvimento foi a escola, fui uma “boa” aluna das que seguem as regras do espaço com atento. E que por ser muito introspectiva busquei no estudar na escola uma forma ativa de poder participar e me socializar. Era a aluna onde os outros copiavam dever de casa e buscavam para auxiliar em trabalhos, mas não socializava muito com estes fora do ambiente escolar. Muitas vezes chegava a ser arrogante a ponto de me julgar melhor que algumas pessoas por ser melhor que elas no âmbito escolar. Mas a medida que fui crescendo e tendo contato com as pessoas e as conhecendo pude perceber que, eles eram tão inteligentes ou esforçados quanto mas que só não conseguiam atingir as mesmas notas que eu. Neste momento percebi que tinha algo estranho com a escola, mas não sabia explicar o que pois as pessoas estudavam muito, ou sabiam muitas coisas mas que não conseguiam a excelência esperada pela escola. Mas estas reflexões ficaram apenas no campo das ideias e do pensar por muito tempo antes de amadurecerem.

Terminei esta escola básica, o ensino médio em 2009, não entrei de imediato na faculdade e fui fazer cursinho para passar no vestibular da UnB, fiz seis meses de cursinho e no semestre seguinte iniciei o curso de Comunicação Social em uma faculdade particular, mas percebi que

não queria aquilo tranquei a faculdade e voltei a estudar para o vestibular, só que desta vez em casa, mas como minha mãe havia sido remanejada para Planaltina fomos, meu irmão mais novo e eu, morar na chácara em Planaltina de Goiás que era próxima do trabalho dela. Neste tempo além de estudar para o vestibular, tinha que me deparar com escolher qual curso fazer. Conheci a museologia pois uma amiga me apresentou os cursos que iriam abrir novos na UnB e começamos a conversar sobre e me pareceu um ótimo curso, a Museologia, pesquisei sobre e resolvi que faria aquele curso. Mas ao longo do curso começaram minhas reflexões sobre o que era o museu, quais experiências com museus tem-se e quem dispõe destas experiências, quem ia ao museu e quando ia ao museu. E em meio a estas reflexões comecei a me sentir descontente com o curso, pois não conseguia me enxergar nele, fui fazer disciplinas espalhadas pelos departamentos da UnB: Comunicação Social, Filosofia, Pedagogia. Buscando dentro da universidade aquilo que me desce prazer de fazer.

Comecei a disciplina Fundamentos da Linguagem Musical na Educação, apenas por que gostaria de fazer disciplinas que me proporcionassem o bem estar na universidade. A turma foi convidada a quem tivesse interesse conhecer o LAMCE – Laboratório de Arte, Música, Cultura e Educação, projeto que fazia parte do currículo da pedagogia enquanto projeto 3. Eram realizadas atividades aos sábados em escolas na ocidental, Aleixo Pereira Braga I (Quilombo Mesquita) e Aleixo Pereira Braga II (Jardins ABC).

O pensar Educação Musical de uma forma desescolarizada e com perspectivas libertarias, libertadoras, ainda em questões com qual terminologia utilizar para os processos realizados, que para além do desenvolvimento da Musicalidade, da musica, daqueles que participam do projeto aborda os indivíduos em suas plenitudes de capacidade proporcionando experiências para que estes possam se desenvolver musicalmente. Está experiência tem me feito refletir bastante e talvez seja o cerne do que são minhas intenções de pesquisa a cerca do que compus, e quais as funções de um espaço educativo.

Através das experiências que tive no LAMCE, pude retomar reflexões realizadas na museologia com uma perspectiva diferente. Comecei a me questionar o que era essa escolarização, pois tinha alguma noção do que era para a museologia e museus, recepção das escolas nos museus e seus desdobramentos. A partir destas experiências pude começar a me questionar e reencontrar o significado da museologia pra mim , mas não de uma perspectiva pedagogia ou museologia mas do meio termo em que me encontro. E esta monografia é fruto

das minhas experiências e encontros que pude ter ao longo não só do meu processo acadêmico, religioso mas também do pessoal e algumas das reflexões que eles me trouxeram.

## **Apresentação**

A busca pela apresentação do que propus a trabalhar esta inserida em um processo reflexivo que decorre das experiências acadêmicas as quais dispus, mas também em outros ambientes como familiar, religioso, museus e os mais diversos espaços onde a educação é possível. O contato com estes espaços possibilitou uma reflexão que me fez perseguir a temática Educação e Museologia, levando em conta a função da educação neste espaço não se pode negar o que alguns autores chamam de processo de escolarização do museu e que muitos deles dizem que se deve fugir deste processo.

Questiono-me como “fugir”, se boa parte dos visitantes em museus são provenientes do público escolar, e ao falar-se de educação em museus muitos dos autores se debruçam sobre as relações museu e escola, educação formal e não-formal.

Inicialmente esta reflexão me levou aos seguintes questionamentos, o que leva alguém a visitar um museu? Quem são estas pessoas? Na tentativa de sanar estas questões me deparei com os seguintes dados segundo Koptcke (2001-2) cerca de 50% a 90% das visitas em museus são realizadas por escolas. E também encontrei uma pesquisa do IBRAM (2012) sobre os não-público dos museus no Distrito Federal, pesquisa quantitativa esta que se pode perceber as idas a museus relacionados com grau de escolaridade, renda mensal, gênero.

E na compreensão das reflexões que surgiram a partir da leitura deste texto, em conjunto com algumas experiências educativas que pude ter relacionadas a museu, como mediadora de exposição durante a semana do Índio no Memorial dos Povos indígenas, no estagio no Museu de Geociências da UnB, na montagem da exposição curricular, Gerações: Brinquedos e Brincadeiras na Década de 1990, em levar grupos de jovens a museus e me deparar com o atendimento da mediação, ou até mesmo na ida a este espaço usufruindo ou não destes das atividades proporcionadas pelo setor educativo.

A partir das reflexões me questiono a possibilidades entre educação e Museologia, principalmente entre o Museu e a Escola , educação não-formal e educação formal (termos muito utilizados por aqueles que escrevem sobre educação em museus). E me deparei com um texto da Maria Margaret Lopes (1986) , a favor da desescolarização do Museu, e com a autora Maria Célia Santos (2001) , que escreve muito sobre as relações entre o museu e a escola utilizando-se como base pedagógica Paulo Freire.

Para compreender melhor estas questões me proponho em pesquisa, delinear os processos históricos que permeiam tanto o desenvolvimento do conceito de museu como sua compreensão como espaço educativo. Analisar as perspectivas teóricas da educação nos museus, lendo os principais autores da área e seus posicionamentos sobre a temática

### **Objetivo geral**

Analisar teoricamente a função da educação e o processo de escolarização dos museus

### **Objetivos específicos**

Apresentar os museus enquanto instituição e as relações com educação desenvolvidas ao longo do processo histórico

Contextualizar o museu enquanto espaço educativo e sua função educativa

Problematizar a escolarização dos museus

### **Justificativa**

Propor uma pesquisa é um processo complexo e reflexivo, pois expressar angústia e indagações que aparecem no decorrer do percurso acadêmico são complicadas. Aquilo que nos motiva a perseguir certa temática é fundamental para compreensão dos delineamentos e caminhos que a pesquisa levará. A educação está inserida no cotidiano das mais diversas formas e representações, seja por uma instituição escola, museu, universidade, casa ou por pessoas, professor, mediador, amigos, família.

Pensar o museu como espaço educativo, é uma percepção comum a este ambiente, espaço possível de experiência para as mais diversas faixas etárias, apresenta potencialidades educativas das mais diversas. Apresentar um processo reflexivo do que constitui as relações entre a Educação e a Museologia. Educação está que é desenvolvida desde o princípio dos museus, pois ao longo de seu processo histórico estes foram apresentados como espaços de educação em diversos momentos, mas apenas a partir da década de 60 e 70 é que se inicia um processo crítico sobre que educação é esta que se apresenta nos museus.

### **Metodologia**



Análise crítica teórica sobre o tema educação e museus. Buscou considerar aspectos relativos à educação em museus, através de bibliografia disponível principalmente a cerca da relação museu e escola, levando em conta o processo de escolarização.

## Capítulo I

### 1. Breve histórico dos Museus

As relações entre Educação e Museu são compreendidas segundo Santos (2001) como histórico-socialmente condicionadas estando sobre a influência das ações do homem no mundo, sendo necessário contextualizá-las. Desde o mito fundador do *Museum*, templo das musas, pode-se criar relações entre estes dois espaços. Templo este das nove musas, filhas de Zeus com *Minemosine*, deusa da memória, espaço destinado para o desenvolvimento das artes e dos estudos. Espaço este onde as obras eram voltadas para as divindades não para os homens, uma “mistura de templo com instituições de pesquisa voltadas para o saber filosófico” (SUANO,1986, p.8)

No século II A.C em Alexandria este espaço chamado de *Museum* não apenas cumpria a função de museu mas também de biblioteca, centros de pesquisa que objetivavam a produção de conhecimento em diversas áreas (filosofia, medicina, história, astronomia, mitologia e etc.). O intuito deste espaço era preservar os conhecimentos do passado “o *Museum* foi utilizado para definir um local de estudos, possuía centros de educação e irradiação do conhecimento” (COELHO, 2009, p.9), possuía caráter enciclopédico “buscava-se distinguir e ensinar todo o saber existente” (SUANO.1986,p.9)

Durante muito tempo o termo *Museum* esteve ligado à compilação exaustiva sobre um tema. Durante a Idade Média muda-se o foco, devido ao cristianismo pregar o despreendimento material. A Igreja passa a ser a principal receptora de doações (eclesiásticas, principescas, de famílias abastadas) estas representações estavam ligadas com os objetivos didáticos da Igreja de propagação da religião cristã.

Ainda que o termo fosse pouco utilizado durante a Idade Média, o hábito de colecionar objetos de arte manteve-se, para obtenção de prestígio por uma elite feudal. Segundo Suano (1986) apenas no final da Idade Média passa-se a ter coleções privadas, com alguns príncipes de cidades republicanas italianas. No século XIV, as coleções principescas foram enriquecidas com “obras de arte da antiguidade, de tesouros e curiosidades provenientes da América e da Ásia e das produções artísticas da época, financiadas pelos nobres” (JULIÃO,2006, p.20) tendo continuidade no século XV com coleções oriundas de preceitos Renascentistas e da

expansão marítima. Já no século XVI e XV existiam coleções de estudiosos usados nas aulas das universidades européias.

No período Renascentista que surgem as primeiras expressões modernas do que hoje é chamado de museu, os Gabinetes de Curiosidade ou Câmara das Maravilhas. Nestes espaços encontravam-se diversos objetos, estes eram expostos buscando uma simulação do ambiente de origem. O processo de colecionar objetos de diversas origens foi fundamental para o desenvolvimento científico da época, pois além do incentivo para que diversas instituições abrissem suas próprias coleções científicas também havia os catálogos que auxiliavam na divulgação das pesquisas. “Abandonavam, assim, a função exclusiva de saciar a mera curiosidade, voltando-se para pesquisas e a ciência pragmática e utilitária” (JULIÃO, 2006, p.20)

Posteriormente vários desses espaços transformaram-se em museu, mas ainda não estavam abertos ao público. Estes espaços eram destinados “a fruição exclusiva de seus proprietários e de pessoas que lhe eram próximas” (JULIÃO, 2006, p.20) Apenas no século XVIII estes espaços foram se tornando públicos.

Neste momento, é necessário entender como afirma Suano (1986) que existe distinção de um “museu aberto ao público” e um “museu a serviço do público”. Pois, desde 1471, abrem-se coleções para o acesso ao público, mas com uma série de restrições. Em 1601, Frederico Barros, arcebispo de Milão “reuniu incontáveis obras de arte e fez daquilo que chamava seu museu, um centro didático de produção artísticas” (SUANO, 1986, p.23) O segundo presidente deste espaço, Bonanni, reestruturou-o para ter caráter pedagógico, utilizado pelos Jesuítas.

O filósofo Tommaso Campanella (1568- 1639), frei dominicano, escreveu magnífica obra, chamada A cidade de Sol, na prisão onde se encontrava por ter divulgado manifesto em defesa do Galileu. Nesta utópica cidade, haveria um museu bem diferente do modelo da época. Ele seria revolucionária sede do pensamento científico, sem paredes, onde as crianças aprenderiam brincando todas as ciências e artes (SUANO, 1986, p.25)

Na mesma época, inauguram-se os primeiros museus públicos europeus. Ashmolean Museum (1683, Inglaterra), com visitação restrita a estudiosos e estudantes universitários e o Palácio do Louvre (1681, França) apenas para visitas de artistas e estudantes. “Foi a política

econômica do século XVI-XVIII que gerou uma política educacional e cultural responsável, em parte, pela ampliação do acesso as grandes coleções” (SUANO,1986, p.25).

Mas é apenas no século XVIII que o acesso às grandes coleções se tornam públicas. Sob grande influencia dos ideários da Revolução Francesa, democratização da informação e o caráter enciclopedista dos iluministas, surge o conceito de coleção como instituição pública, chamadas de Museus. Para os enciclopedistas e os influenciados pelo seu pensamentos “muito insistiam na necessidade de educação como a grande arma dos países modernos” (SUANO, 1986, p.28). Foram criados museus históricos e nacionais “para preservar a totalidade e diversidade de um patrimônio nacionalizado no contexto da revolução foram desenvolvidos métodos para proceder ao seu inventario e gestão” (JULIÃO, 2006, p.20-1) Esta percepção difundiu-se pela Europa e se consolidou no século XIX, com a abertura de diversos museus públicos criados a partir deste espírito de nacionalidade.

Esses museus nasciam, imbuídos de uma ambição pedagógica- formar cidadão, através do conhecimento do passado- participando de maneira decisiva do processo de construção das nacionalidades (JULIÃO, 2006, p.21)

Em 1792, é realizada a convenção nacional francesa em que são aprovadas a criação de quatro museus. O Museu do Louvre criado em 1793 aberto ao público três dias a cada 10, com a finalidade de educar a nação francesa. Museu dos monumentos que possuía a finalidade de reconstruir o grande passado da França, o Museu histórico Natural e o Museu de Artes e Ofícios voltados para o desenvolvimento do pensamento científico em função da realização prática.

O Museu Britânico desde sua criação é um museu público e a visitação era feita mediante pagamento. Estas visitas eram rápidas e guiadas por funcionários. Em 1838, um livreto é escrito para orientar as sobrinhas de um certo Edward na visita do museu britânico.

Os estados europeus passam a utilizar o museu como espaço de enraizamento e despertar de uma consciência nacional utilizando-se da educação e do afeto para o fortalecimento do estado.

Nos primeiros 50 anos após a abertura dos museu, em 1759, não foram fecundos . Os espaços eram carregados de simbolismos negativos, alheios à origem e função dos objetos e representavam uma dominação da nobreza, “os sentimentos da nobreza e das classes educadas

para com o museu também eram negativos pela perda do que antes era usufruto apenas seu” (p.35)

Os primeiros museus brasileiros são criados no século XIX, Escola Real e Museu Nacional, foram criados nos moldes europeus. Em 1808, é criada a escola real que abrigava a coleção particular de D.João VI. Em 1818, com a doação de D. João VI, é criado o Museu Real, atualmente Museu Nacional, em que continha uma coleção de história natural. Ao longo do século XIX foram criados diversos museus de caráter etnográfico.”Gradualmente, durante o século XIX, o Museu Real (Nacional) apresentou-se como um museu comemorativo da nação emergente”(CHAGAS, 1999, p.31) com praticas de dialogo apenas com museus europeus.

Para a construção ritual e simbólica da nação não bastava a criação de selos, moedas, bandeiras, hinos, armas e cores nacionais. Era preciso também, a exemplo de outros países, constituir calendários e datas cívicas, fixar iconograficamente a imagem dos mandatários da nação, erigir monumentos, redigir documentos, elaborar um projeto historiográfico de nação independente, convocar artistas e outros intelectuais para este projeto. Era preciso sobretudo constituir uma nova inteligência e estabelecer novos procedimentos de fixação de memória.(CHAGAS, 1999, p.32)

No Brasil, os museus enciclopédicos, voltados para diversos aspectos do saber e do país, predominaram até as décadas de vinte e trinta do século XX, quando entraram em declínio como no resto do mundo, em face da superação das teorias evolucionistas que os sustentavam. Embora a temática nacional não constituísse o cerne desses museus, tais instituições não deixaram de contribuir para construção simbólica da nação brasileira, através de coleções que celebravam a riqueza e exuberância da fauna e flora dos trópicos (JULIÃO, 2006, p.22)

Segundo Mario Chagas (1999) os museus brasileiros colaboram para um projeto de construção de nação, organização de um discurso de base museológico, apresentam o sonho de uma civilização bem-sucedida.

Mas quem sonha? As elites aristocráticas tradicionais é que sonham o sonho de um nacional sem nenhum *signal de sangue*, sem a presença da cultura popular, dos negros aquilombados, dos índios bravios, dos jagunços revoltosos, dos fanáticos sertanejos, dos rebeldes que não têm terra, mas têm nome, família e um cachorro preto (mefistofélica presença)(CHAGAS, 1999, p.35)

Criação de dois museus militares pelo Estado Imperial brasileiro, num momento em que se travava um conflito armado internacional, inscreve-se com nitidez no espírito comemorativo do século XIX. Era preciso constituir uma tradição; construir o pedestal dos heróis e celebrá-los em bronze ou mármore, povoar a memória com atos de bravura, heroísmo, personagens ilustres e vultos invulgaes. O acontecimento da guerra representava uma dramaturgia capaz de iluminar determinados personagens, banhá-los com a pátina da imortalidade, e colaborar com a construção da nação de acordo com os moldes europeus. Em última análise, os dois museus militares são museus históricos de exaltação de um determinado modelo de nação. Isto se confirma com as ações de Gustavo Barroso que, lançando mão de seu prestígio político, irá/ promover a transferência de boa parte do acervo desses museus para o Museu Histórico Nacional, criado em 1922(CHAGAS, 1999, p,33-4)

No final do século XIX são perceptíveis as primeiras tentativas de reformar os museus na Europa

Podemos ver, nas revistas últimos 30 anos do século XIX que tratava de assuntos culturais, sobretudo na francesa Gazette des Beaux Arts, sugestões para “roteiros prefixados” dentro dos museus e para “guias permanentes” para escolas e crianças, ideias voltadas para se implementar um departamento especialmente voltado para o público e etc. (SUANO, 1986, p.45)

Nem sempre tais propostas eram executadas pela falta de pessoal e verba. Mas dava-se início à tentativa de relacionar-se com a sociedade ou o público, até então o público não era beneficiado pois não se buscava definir plano cultural ou educacional.

No século XIX ,estudos sobre aprendizagem, educação e a necessidade de educar o maior número de pessoas de todas as classes começa a influir sobre os museus.

Já em 1857, na Inglaterra, John Ruskin, estudioso de assuntos de arte, apresenta projeto a uma comissão parlamentar, para “que se desse função mais educativa ao museu” apresentar os objetos com visão crítica e não puramente expositiva (SUANO, 1986, p.39)

Como houve uma grande proliferação dos museus no século XIX, o início do século XX é voltado para a solução dos problemas de tal ampliação. Pois havia a tentativa de salvar a instituição da falência, pois estes não atendiam as demandas da sociedade. Foram criadas diversas estratégias para a inserção dos museus na sociedade como ida a escolas, *museubus*, atividades para grupos infantis e juvenis, recepção de prisioneiros e pessoas com necessidades especiais.

Boa parte dos museus brasileiros foi criada a partir dos anos 30 e 40 a partir de iniciativas oficiais, através de decretos. Em São Paulo foram criados 20 museus “histórico e pedagógicos” que não foram totalmente instaurados.

Foi publicado no Rio de Janeiro em 1926 relato sobre uma visita ao Museu Nacional

O público escolar, principal cliente do museu, em suas visitas obrigatórias a instituição iam “... andando, olhando, passando... como um fio de água passa numa lamina de vidro engordurada”, uma “tristeza de se ver” conforme palavras de Roquete Pinto (SUANO, 1986, p.47)

A partir do Museu Histórico Nacional, em 1922, questões como historicidade pátria passam a fazer parte do contexto museológico brasileiro, rompendo assim o caráter enciclopédico das instituições museológicas brasileiras. Com o objetivo de educar o povo sobre uma memória nacional e coesão social, os objetos deste espaço eram destinados a demonstrar e documentar a evolução da nação brasileira, como obra das elites nacionais.

Nos anos 20, no Brasil, ainda que o debate em torno do nacional fosse a tônica dominante, ele (o debate) não estava submetido ao controle de um único grupo. O nacional não se apresentava como alguma coisa pronta e definida à partida ou mesmo submetida a um único olhar. Diferentes nacionalismos estavam em jogo naquele momento. (CHAGAS, 1999, p37)

O MHN passa a ser um modelo que é repassado para outras instituições museológicas brasileiras, “contribuiu para isso a instalação do curso de museologia, criado sobre a orientação de Gustavo Barroso, que funcionou no próprio MHN entre 1932 e 1979, formando profissionais que atuaram na área em todo o país” (JULIÃO, 2006, p22). Apenas em 1968 é criado um museu, Museu do Folclore, que englobasse a diversidade de grupos étnicos

brasileiros inseridos em um discurso preservacionista não como objeto de estudo mas como produtores de cultura e sujeitos da história.

Os museus chegam ao século XX num cenário de conflitos. Por um lado, posicionavam-se os defensores de ideias fundamentadas na desigualdade, que acreditavam em homens e raças superiores, como vários conservadores e repulsavam as transformações para as quais o museu apontava. Por outro, a vanguarda radical e opositora da perspectiva histórica que lutava pela renovação e lançava ênfase na ampliação dos planos educativos, com grande esforço pela democratização. (BEMVENUTI, 2006, p.32)

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha nazista, propõe a criação de um museu em Linz que seria o maior museu de artes, fruto dos saques às obras de vários países, onde esse museu proporcionaria lições históricas e educaria artisticamente o visitante através do enfoque especial ao “melhor da produção de cada artista”.

As aproximações entre o museu e a sociedade passam a ocorrer de forma efetiva apenas após a década de 70.

Embora se postule desde o século XVIII e XIX que uma das funções do museu é educar, podemos dizer que o assunto não foi levado a sério quanto nas décadas de 60 e 70 (SUANO, 1986, p.58)

Após a Segunda Guerra Mundial, houve um processo de renovação de princípios e práticas que regiam a museologia. Em 1946, cria-se o Conselho Internacional de Museus (ICOM), ampliando as discussões sobre a transformação das instituições museológicas. No Brasil, o órgão é criado em 1956, dois anos após a criação da instituição no Rio de Janeiro é realizado um Seminário Regional sobre a Função Educativa dos Museus documento este que enfatiza a finalidade educativa dos museus e a importância de profissionais da educação neste espaço.

Outros documentos são de fundamental importância para o desenvolvimento da Museologia, dentre vários os principais são: A declaração de Santiago do Chile (1972), marco no pensamento museológico, apresentando o conceito de Museu Integral que conscientizaria as comunidades para a contribuição no engajamento destes na busca de soluções para problemas estruturais da localidade. A Declaração de Quebec (1984), a partir das críticas aos museus do século XX, realiza análise dos processos de transformação para estruturação de um movimento único a “nova museologia”. E a Declaração de Caracas (1992) que teve como



intuito analisar a atuação dos museus após a Declaração de Santiago do Chile, atualizar os princípios levantados e criar programa de ações futuras.

## 1.1 Educação, Museu e Brasil

*Ainda que a década de 1950 seja apontada como uma época de reflexão sobre as relações entre museus e educação, é preciso não deixar de levar em conta que essa relação já vinha sendo afirmada. (KNAUSS, 2011, p. 586)*

Antes de adentrarmos nas possibilidades de educativa dos museus brasileiros, farei um breve histórico dos processos educativos ao longo da história do Brasil. No desenvolvimento colonial brasileiro, as escolas jesuíticas cumpriam as funções educativas da época, reproduzir as relações e ideologias para perpetuação da sociedade escravocrata.

Os jesuítas, além de prepararem os futuros bacharéis em Belas-Artes, Direito e Medicina, tanto na Colônia como na Metrópole, fornecendo assim os quadros dirigentes da administração colonial local, formavam ainda os futuros teólogos, reproduzindo os seus próprios quadros hierárquicos, bem como os educadores, recrutados quase exclusivamente do seu meio. A Igreja assim penetrava na sociedade política, através da formação educacional. (SANTOS, 1994, p.42)

Características das Escolas Jesuíticas se enraizaram no pensamento da educação no Brasil, que ainda podem ser percebidos em escolas e outras instituições culturais tais como o museu, desvinculado de um realidade. Poucas mudanças são percebidas do período colonial para a I República.

A presença desse pensamento transplantado se faz sentir, como não poderia deixar de ser, na produção da cultura material e, posteriormente, irá influenciar, decisivamente, na seleção do acervo que será preservado, dando-se prioridade aos bens culturais produzidos pela igreja e pela aristocracia rural. (SANTOS, 1994, p.43)

No Século XIX, o desenvolvimento de uma camada intermediária (burguesia), que buscava na educação meio de ascensão social, utilizando-se de uma educação escolarizada. Com a transferência da corte para o Brasil ocorreram mudanças nas instituições educacionais, como a criação de cursos superiores, não teológicos onde as instituições culturais e educacionais se dispunham a educar a aristocracia. As influências da vinda da família real e de uma independência política, não são refletidas na situação do ensino .

Entretanto, foram lançadas as bases para uma revolução cultural que, embora lenta, culminou de certa forma na introdução de hábitos de pensamento e ação que vigoravam na Europa do século XIX e compuseram a ideologia da burguesia brasileira em ascensão, no final do século. (SANTOS, 1994, p.45)

Como já afirmado anteriormente as instituições como a Escola Real e o Museu Real foram criados a partir de uma perspectiva européia.

Apenas com a Constituição da República, em 1891, desenvolve-se um sistema de ensino descentralizado, pois o estado passa a ter que criar instituições de ensino básico e superior. Após este período outro momento crucial para a educação no Brasil foi a criação do Ministério da Educação e Saúde

É o ponto de partida para mudanças substanciais na educação, dentre outras, a criação da Universidade. Implanta-se a gratuidade do ensino primário, e o ensino religioso torna-se facultativo. (SANTOS, 1994, p.48)

Importante ressaltar que “a década de 40 se confirmou como a década em que a museologia se afirma como campo intelectual” época esta em que o tratamento técnico dos objetos era compreendida como a missão educativa dos museu. (KNAUSS, 2011, p. 584-5). Em 1945 são lançadas duas obras que afirmam os museus como objeto de estudo no Brasil Introdução à técnica de Museus, em dois volumes, de Gustavo Barroso e Museus para o Povo de José Valladares.

Por vias distintas, tanto Gustavo Barroso quanto José Valladares sublinhavam o sentido educativo dos museus. Esse compromisso, contudo, surgia como enunciado genérico para uma política de museus, mas não se desdobrava numa conceituação precisa e de caracterização de práticas profissionais específicas. (KNAUSS, 2011, p. 585)

No Século XX, questões como a obrigatoriedade da escola e a gratuidade para toda a população são levantadas, ampliando assim o número de pessoas com acesso a escola “O número de alunos que ingressam nesse ramo de ensino, em [19]33, é de 14.693, e, em [19]45, é de 65.485.” (SANTOS, 1994, p.50) . Com a Escola Nova há um deslocamento de questões puramente políticas que envolviam a educação para um técnico-pedagógico. As relações entre o museu e a escola iniciam-se com a escola nova, com as demandas pela melhoria de qualidade do ensino, alguns educadores pensam nas potencialidades dos museus. Segundo Suano (1986) sob a influencia de Anísio Teixeira é introduzido o “uso educacional dos museus” (LOPES,1991, p.445).

Roquete Pinto vanguardou, durante sua gestão à frente do Museu Nacional (1962-1935), na criação da sua Divisão de Educação, acompanhada de serviços de assistência de ensino.(...) Em 1946, Sussekind Mendonça (1946), concorrendo ao cargo de chefia da recém- criada Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional do Rio de Janeiro, apresentou uma monografia que se tornou documento fundamental para a discussão educacional nos museus no Brasil. (LOPES, 1991, p.445)

Documento este que refletia sobre as relações museu e escola. Utilizando este espaço como recurso didático que auxiliaria na melhoria do ensino “a preocupação pedagógica adentrou explicitamente os museus, influenciando-os para que passassem a dar prioridade ao apoio à escola” (LOPES, 1991, 446). Segundo Santos (1994) estas sugestões não foram incorporadas de forma efetiva nas práticas de rotina do museu a época.

Segundo Knauss (2011), Nair Moraes de Carvalho em 1947, publica artigo sobre o sentido educativo do Museu Histórico Nacional, abordando documento publicado pelo ICOM onde classifica dos tipos de visitas escolares, visitas dirigidas ocorridas no horário de aula, “com programa preestabelecido de antemão e com preleção dos conservadores dos museus” (KNAUSS, 2011, p.586) e visitas escolares livre fora do horário de aula e por recomendação, com algum tema de estudo ou inquérito e visitas escolares combinadas, parte dirigida parte livre ressaltando também os questionários aplicados ou no início ou ao final das visitas,. Enviando também ofícios convidando professores e alunos a visitarem suas exposições e dispondo funcionários guias, para escolas públicas e particulares. Posicionamento que não era aceito de forma homogênea, em artigo publicado em 1952, a conservadora da instituição

Dulce Cardozo Lodolf, afirma que os museus eram despidos de feições educacionais. Reconhece relações entre a educação e museus, mas compreendendo como algo antigo e não uma novidade.

Assim, num primeiro momento, pode-se apontar que o debate sobre as relações entre museus e educação indicava duas posições: uma primeira que considerava que não se tratava de uma questão nova, pois os museus já davam atenção à educação há algum tempo; uma segunda posição indicava, no entanto, essa tendência como uma nova marca dos museus. (KNAUSS, 2011, P. 587)

A relação entre museu e educação era estabelecida pela escola, e que um pequeno número de escolas visitava este espaço sendo consequência da escolaridade que deixava pouco espaço para atividades extraclasse. Para a conservadora Sigrid Porto de Barros, em 1952, era compreensível que a educação não utilizasse dos museus, mas era incompreensível que os museus estivessem dissociados de planos educacionais.

Assim, se, de um lado, a autora defendia a autonomia das escolas frente aos museus, de outro, cobrava uma renovação do ensino que se traduziria na abertura das escolas para os museus. Desse modo, ficava evidente que a interrogação sobre os museus se confunde com uma interrogação sobre o ensino. (KNAUSS, 2011, p. 588)

Durante a década de 50 e 60 do século passado, aspectos educacionais são repensados, a educação de adultos começa a ser problematizadas. As experiências de Paulo Freire com educação popular e a educação permanente são conceitos que permeiam esta época. “No caso do Brasil, os museus não cederam suas salas para as práticas de educação popular.” (LOPES, 1991, p.447) Os projetos educativos desenvolvidos pelos museus tiveram maior influência europeia e latino-americanas, não tendo em maioria influência da concepção nacional de educação popular, segundo Lopes (1991) permanece importando e adaptando os modelos de educação permanente.

Em 1958, são publicados três trabalhos sobre a temática educação e museus. Artigo de Regina Monteiro Leal, conservadora da Casa de Rui Barbosa, fazia referência à função educativa dos museus. Livro de Guy de Hollanda, museólogo do Museu Histórico Nacional, com o título Recursos educativos dos museus brasileiros que apresenta um relatório de museus brasileiros para ser apresentado as escolas e professores. E o livro de Francisco dos Santos Trigueiros,

Museu e Educação, sistematizava a museologia e afirmava a relação com educação decisivo para os museus. Ano este em que também ocorre a Reunião Regional do ICOM no Rio de Janeiro , apresentado no texto.

É somente no início dos anos de 1980 que esse debate sobre o sentido do trabalho educacional nos museus vai ganhar uma nova conceituação. A relação dos museus com as escolas mudou por muitos fatores sociais. (KNAUSS, 2011, p. 594)

Nos anos 70 e 80, a compreensão dos museus como complemento da educação formal ainda era perceptível.

Essa tendência reducionista desconsiderava o papel do museu na construção de políticas públicas de preservação, no desenvolvimento de práticas educativas independentes da rede formal de ensino, na ampliação de ofertas de lazer qualificado, no estímulo ao desenvolvimento social de determinadas regiões, na produção de conhecimentos etc. No centro dessa tendência encontrava-se uma prática pedagógica autoritária que queria eliminar o deslumbramento, a admiração, o assombro e afirmar a transmissão, a repetição. Nesse quadro o museu, de ciência ou de arte, era apenas ilustração coadjuvante, livro texto colocado de pé, estação repetidora do que se produziria mais além, janela fechada para o novo. No Brasil, a partir dos anos 80, o pensamento museológico e algumas práticas museais sofreram uma inflexão no sentido de maior aproximação das questões políticas e sociais do país. Os cursos de formação desempenharam nesse panorama um papel de destaque. (CHAGAS,2001-2, p.56)

A partir dos anos de 1980 as formas de compreensão da educação e dos museus vêm sofrendo transformações.

## Capítulo II

### 2. Museus como espaço educativo

Podemos observar no capítulo anterior como o Museu se desenvolveu ao longo dos processos históricos em que esteve inserido, e como suas concepções se alteraram ao longo dos anos. Atualmente segundo o Conselho Internacional de Museus – ICOM:

Um museu é uma organização sem fins lucrativos, instituição permanente a serviço da sociedade e seu desenvolvimento, aberto ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe o patrimônio tangível e intangível da humanidade e de seu ambiente para fins de educação, estudo e diversão. (ICOM, 2012)

E segundo o Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM de acordo com a lei nº11.904 de 14 de janeiro de 2009 :

Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Nas modificações conceituais da Instituição Museu ocorrem mudanças do prédio para o território, do objeto museológico que não é apenas o material mas também o imaterial, a função de preservação deixa de ser função central e dá espaço para a comunicação e a pesquisa, a coleção não é mais a prioridade e o público tem potencialidades participativas na instituição

Contudo, estas mudanças não são determinantes em todos os museus, elas ocorrem com diversas intensidades e repercutem em diferentes contextos museológicos, como um reflexo do posicionamento ideológico dos profissionais que atuam em museus. “Isto também explica o fato da educação em museu ser entendida e praticada de maneiras tão variadas nas instituições museológicas.” (FIGURELLI, 2011, p.112)

As relações possíveis entre a Museologia e a Educação são as mais diversas e podem se dar com diversos públicos e ambientes, mas é notável a relação que as duas instituições, Museu e

Escola, possuem. É observável que o constructo do que é o museu vem se alterando segundo Hernández Hernández (2001) as mudanças ocorridas no conceito de museu levaram a remodelação de sua função no campo educativo.

las transformaciones experimentadas en las últimas décadas en el campo de la educación han afectado de forma directa al museo, obligándole a adoptar medidas de tipo didáctico según las nuevas corrientes pedagógicas y teniendo como punto de referencia el ámbito escolar (HERÁNDEZ HERNÁNDEZ, 2001, p.266)

É possível perceber nesta modificação a importância em que a Educação em museus vem ganhando, mas segundo Martins está “nova” faceta não é consensual não foram compreendidas de forma homogênea e em cada tipologia de instituição se aplicou de forma diferenciada de acordo com a constituição da instituição.

Se por um lado à necessidade de um viés educativo nos museu já não é mais contestada e os museus são vistos, e se veem, enquanto instituições educacionais, por outro lado não se sabe a amplitude que a educação assume nessas instituições (MARTINS,2011, p.17)

Esta percepção como espaço educativo por mais que desenvolvido ao longo dos anos não é espaço isento de conflitos. O que não exclui as potencialidades educativas dos espaços que não possuem um setor educativo.

Os museus são instituições educadoras, tenham ou não um setor específico encarregado da ação educativa. Ele exerce a sua função educativa na sua relação com os visitantes e dos meios dos quais se vale para comunicar com os diferentes públicos, entre eles o público escolar. (PEREIRA;SIMAN; COSTA; NASCIMENTO, 2007, p.23)

Setor Educativo dos Museus é criado a partir da necessidade da realização de pesquisas de público, segundo Martins, inicialmente para compreender a aprendizagem nesta instituição, posteriormente para compreender a expectativa do público.

É de responsabilidade do setor educativo planejar atividades a serem desenvolvidas pela instituição. As atividades mais comuns realizadas por museus: Visitas guiadas, segundo Hernández Hernández (2001) recurso mais frequente normalmente realizadas para escolas, oficinas, cursos para estudantes, especialistas, professores e público geral, publicações escolares, maletas didáticas, exposições itinerantes.

Ao disseminar a ideia da educação presente e atuante nos diferentes setores, o museu reconhece a relevância de adotar uma função educativa que transpareça os valores assumidos pela instituição e que contribua para estabelecer sua identidade organizacional, estimulando a coesão entre as diferentes atividades museológicas. Direcionada ao ser humano e, portanto, intimamente relacionada à função social, a função educativa de uma instituição museológica ajuda a planejar e implementar a relação que o museu estabelece com a sociedade e o patrimônio. (FIGURELLI, 2011, p.118).

## **2.1 Função Educativa dos Museus**

Educação em museus tem implicações em processos específicos cada instituição tem autonomia para a partir de sua missão e visão institucional determinar o que considera como função educativa do museu. Mas esta função envolve aspectos tais como: público, exposição e ações educativas e culturais.

### **2.1.1 Público**

Segundo o livro *Conceitos-chave em Museologia* o público é apresentado como:

A noção de público associa estreitamente a atividade do museu a seus usuários, mesmo àqueles que deveriam se beneficiar de seus serviços, embora não o façam. Os usuários são os visitantes do museu – o público mais amplo – sobre quem somos levados a pensar em primeiro lugar, esquecendo que eles nem sempre ocuparam o papel central que o museu lhes confere hoje, porque existem vários públicos específicos (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 87)



Os motivos e públicos dos museus podem ser os mais diversos. As divisões e compressões podem ser as mais diversas variando não apenas pelo caráter institucional, mas com qual intencionalidade vai-se ao museu.

Saber que a visita a um museu é tida como um momento de lazer educativo coloca para as equipes o desafio de aliar lazer e fruição com um caráter educacional no planejamento de suas atividades. O aspecto educacional dos museus deve, portanto, estar presente em todas as ações propostas para o público. (MARTINS; NAVAS; CONTIER; SOUZA, p.23)

### **2.1.2 Exposição**

As exposições são compreendidas como o principal canal comunicativo com o público. Em vários casos a única parte visível para o público, e sem ela o museu não é percebido como tal .

Com muita frequência, as exposições são tratadas como livros tridimensionais. O autor ou as equipes que as elaboram dificilmente escapam da combinação de textos e objetos “ilustrativos”, com algumas variações, dependendo do orçamento de que se dispõe. Quer se tratem de objetos históricos ou “aparatos interativos”, a função dos objetos é, quase sempre, ilustrar um texto - que pode ser apresentado na forma impressa, por meio de vídeos ou telas de computador (LOURENÇO; SILVA, 2007, p.1)

Segundo Lourenço e Silva (2007) é frequente utilizar exposições como livros tridimensionais, combinando objetos e textos ao longo da exposição, podendo o objetos adquirir a função de ilustrar o texto este que pode ser elaborado de formas diversas. E mesmo que não exista a obrigatoriedade de seguir a ordem textual apresentada esta liberdade pode dificultar as competências narrativas propostas pela exposição.

Pesquisas feitas sobre a comunicação entre a exposição e o visitante mostram a existência de uma pedagogia particular dos museus<sup>2</sup>; isto é, uma forma própria em que museus e outras instituições, que se comunicam por meio de exposições, estabelecem seus processos educativos. (MARTINS; NAVAS; CONTIER; SOUZA, p. 17)

O setor educativo pode estar em conjunto com a montagem de exposições, para poder desenvolver não apenas atividades apropriadas, como auxiliar no processo didático do desenvolvimento das exposições.

### **2.1.3 Ações Educativas e Culturais**

São atividades que promovem a educação nos museus, variando com a abordagem da instituição podem ser de transmissão de conhecimento, doutrinação, domesticação, participação, reflexão crítica e transformadora da realidade social, “passíveis de serem realizadas no interior do museu ou fora dele” (SANTOS, 2001, p.2) Segundo o glossário da Revista Museu:

Deve ser entendida como uma ação cultural, que consiste no processo de mediação, permitindo ao homem apreender, em um sentido amplo, o bem cultural, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência crítica e abrangente da realidade que o cerca. Seus resultados devem assegurar a ampliação das possibilidades de expressão dos indivíduos e grupos nas diferentes esferas da vida social. Concebida dessa maneira, a ação educativa nos museus promove sempre benefício para a sociedade, em última instância, o papel social dos museus.

Algumas destas atividades podem ser as mais diversas podendo ser realizadas com ou sem a presença de um educador. Atividades esta como: visitas educativas, ou guiadas; cursos; oficinas; teatro e dramatização; materiais impressos, kits de objetos, sites e uma série de outras atividades que possam ser pensadas.

## Capítulo III

### 3. Escola e Museus

Dentre as mais diversas aplicações da relação Educação e Museologia, dá-se grande destaque a do museu e da escola ou da educação formal com a não formal, apesar de serem espaços distintos com formas e produções pedagógicas diferenciadas, esta relação pode aparentar naturalidade para as duas instituições.

Pode parecer evidente que grupos escolares visitem museus e que estas instituições sejam naturalmente fadadas ao trabalho em parceria. Na verdade, embora a relação entre instituições de ensino formal e instituições museais sejam bastante antigas, esta envolve atores provenientes de campos específicos (cultura, educação), que proclamam diferentes objetivos, com interesses particulares, segundo determinado contexto social, político, cultural, econômico, científico e educativo. (KOPTCKE, 2001-2, p.16)

O Brasil país onde a relação fica clara ao perceber que “a participação dos grupos escolares nas estatísticas destas instituições oscilem, segundo a instituição, de 50% a 90%” (KOPTCKE, 2001-2, p.17), importante frequente reflexão sobre pra que, como, por quê, pra quem este educativo está sendo feito e se ainda existem influencias do escolanovismo, um processo de modernização dos museu que acabou por colocá-los como complementares ao ensino escolar.

Cada vez mais professores das diferentes áreas se interessam por conhecer melhor este espaço, tendo por objetivo proporcionar um melhor aproveitamento do mesmo pelos alunos. Em contrapartida, os museus tem procurado, através de diferentes programas, oferecer material de, reuniões de roteiro, cursos sobre museus e sobre estratégias de utilização deste espaço para este público (MARANDINO, 2001, p.87)

A falta de homogeneidade das concepções acerca das relações educativas dos museus também se desdobram nas percepções de como compreender a relação museu-escola. Para Marandino, é comum instituições culturais buscarem referencias nas atividades escolares, mas os museus devem ser entendidos como instituições com lógicas próprias e espera-se deste espaço

conhecimento diferenciado da escola. Reproduzo abaixo as evidentes diferentes complexidades e lógica própria dos espaços, apontadas pela autora:

**QUADRO 1 – Escola x Museu**

ESCOLA	MUSEU
Objeto: instruir e educar	Objeto: recolher, conservar, estudar e expor
Cliente cativo e estável	Cliente livre e passageiro
Cliente estruturado em função da idade ou da formação	Todos os grupos de idade sem distinção de formação
Possui um programa que lhe é imposto, pode fazer diferentes interpretações, mas é fiel a ele	Possui exposições próprias ou itinerantes e realiza suas atividades pedagógicas em função de sua coleção
Concebida para atividades em grupos (classe)	Concebido para atividades geralmente individuais ou de pequenos grupos
Tempo: 1 ano	Tempo: 1h ou 2h
Atividade fundada no livro e na palavra	Atividade fundada no objeto

Fonte: MARANDINO,2001, p. 87-8.

Os motivos que podem levar o público escolar aos museus como ambiente de aprendizagem são diversos. Marandino (2001) aponta algumas falas recorrentes dos professores que propõe a visita a museus: oportunidade de vivenciar situações que não são reproduzidas em sala de aula, proporcionar a prática da teoria vista em sala de aula, colocar os alunos em contato com conhecimento ‘mais recente’, compreensão do local como alternativa pedagógica, devido à abordagem interdisciplinar ou abordagem mais próxima do cotidiano do estudante, poucos são os professores que preocupam com a ampliação da cultura como objetivo da visita. Procura-se o museu com intuito de passar algum conteúdo diretamente, relacionado com as matérias dadas em sala de aula.

Os resultados de pesquisas e as observações realizadas nas visitas das escolas ao museu em questão indicam que os professores muitas vezes tentam reproduzir nele as relações que ocorrem no espaço escolar. Neste sentido, é possível observar professores organizando os alunos em filas, colocando-os em torno de um modelo e dando explicações demonstrativas inibindo a manipulação pelos próprios alunos e manifestando uma extrema preocupação com a disciplina. Por outro lado, ao penetrar neste espaço, os alunos geralmente demonstram grande euforia e costumam interagir com os modelos pedagógicos das exposições de forma não muito organizada, geralmente em pequenos grupos, não despendendo muito tempo num só

modelo, percorrendo vários rapidamente e, depois, retornando a alguns deles, fazendo pequenos comentários para os colegas, etc. (MARANDINO apud CAZELLI, 2001, p.92)

A escola apresenta aspectos particulares na concepção de ensino. O museu não se organiza através dos referenciais do currículo formal, por mais que programas educativos possam utilizar de preceitos contidos nos parâmetros curriculares, a partir da faixa etária que pretende abordar.

Em contra partida para Santos (2001), alguns práticas das escolas se transportam para o museu, a autora ainda questiona se o museu que se propõe a sensibilizar os visitantes, copiando as práticas educativas inadequadas da escola, conseguiria realizar tal intento:

**QUADRO 2 – Ações Museu x Escola**

Ações do Museu	Ações da escola
Coleta do acervo privilegiando determinados segmentos da sociedade padrões de “cultura importados”.	Conteúdo dissociado da realidade - currículos impostos de cima para baixo.
Abordagem puramente factual nas exposições, principalmente nos museus históricos.	Ensino da História de forma linear. A memória é mais importante que a inteligência.
Culto à personalidade, exposição de objetos de uso pessoal, sem análise crítica da atuação do indivíduo na sociedade.	Valorização do herói, do seu feito individual.
Utilização nas exposições de textos com conteúdos dogmáticos, incontestáveis.	Imposição do conteúdo, endeusamento do autor. Conhecimento sistemático de realidade constituída.
Exposições sem contextualização. Percepção difusa quanto aos fenômenos culturais, econômicos e políticos. Apresenta o social sem reflexão crítica.	Compartimentatização das disciplinas. Conteúdos estanques.
Ausência de exposições temáticas retratando os problemas e os interesses da sociedade. A prática do fazer de dentro para fora.	Escola dissociada dos problemas comunitários, da vida e da <u>práxis</u> dos seus alunos.
Utilização excessiva de termos técnicos nas etiquetas e nos textos. Em vez de comunicar, damos comunicados.	Discurso da "erudição". O aluno não entende a fala do professor.

Visitas guiadas sem espaço para o diálogo, o questionamento, para a percepção, análise e conclusão por parte do aluno.	Aulas expositivas onde o professor deposita o seu conhecimento no aluno: "Educação Bancária".
Planejamento das atividades técnicas dissociado os objetivos, da filosofia da instituição dissocição, entre <u>meios e fins</u> .	Planejamento didático elaborado segundo a técnica pedagógica, para ser seguido fielmente, dissociados dos objetivos fundamentais Tecnicismo.

Fonte: SANTOS ,1994 , p. 59-60

Apesar de aparentar estes aspetos de similitude entre o museu e a escola Santos (2001) afirma que os projetos que devam ser desenvolvidos por eles devem se apoiar na concepção de educação, museologia e museus “adotadas pelos sujeitos sociais envolvidos no planejamento e na execução dos mesmos” (SANTOS, 2001, p.2) adaptando-se a diversos contextos e grupos.

### 3.1 Crítica à Escolarização

A escola concebida como principal instituição educacional, na sociedade brasileira é obrigatória por lei e de caráter inclusivo. Espaço este que possui caráter de busca de sonhos “de um futuro promissor e vida digna” (TUNES,2011b, p.15) e ascensão social o que não reflete a realidade do espaço segundo Tunes (2011b) ao mesmo tempo em que possui caráter inclusivos apresenta aspectos historicamente perpetuados e socialmente aceitos de exclusão. A escola encontra-se inserida em uma lógica de exclusão, através de um processo inclusivo.

A educação é socialmente designada pela sociedade como a principal possibilidade de um futuro promissor e de um emprego digno (TUNES,2011b, p.20)

Segundo Tunes (2011b) entende-se exclusão (que na modernidade tem sido tratada como diretamente relacionada à pobreza, a marginalidade) algo diferente de pobreza podendo ser relacionado com inadequação social, restrição das dimensões da existência humana: mundo do trabalho, sociofamiliar, político, subjetividade, constatação das identidades e mundo da

vida. Apresenta-se no ambiente escolar a característica de ser excludente, aptidão ou inaptidão, bons e maus alunos, aos que não se encaixam no modelo de uniformização do ensino existem os rótulos dos tipos de dificuldades de aprendizagem, além do grande número de desistentes ao longo do processo de escolarização.

Defasagem escolar gerada dentro do próprio sistema educativo que muitas vezes perpetua e reproduz desigualdades sociais próprias no sistema econômico, social e cultural (CAMPOLINA; MARTINEZ, 2011, p.34)

Ressalta a contradição do sistema de ensino que dá o poder de acesso e mantém o poder hierárquico vigente.

O surgimento e evolução da instituição escolar carregam o ideal de controle social da aprendizagem, através do que para Illich é um monopólio radical, “um processo de produção industrial exerce um controle exclusivo sobre a satisfação de uma necessidade permanente” (TUNES, 2011b, p.18), criando dependência entre a escola e o homem, dependentes das ferramentas industrializadas, do saber escolarizado, para satisfazer suas necessidades. “Poucas tem sido as atividades humanas que não se rendem à escolarização” (PEDERIVA apud TUNES; BARTHOLO, 2011, p.72) com a valorização mercadológica, quanto maior o grau de escolarização maiores as chances de ascensão social, proveniente da expansão da escola.

A lógica de mercado direciona o ensino e a aprendizagem para uma atividade distante ao tempo presente. Trata-se de um ensino hierarquizado, afastado das necessidades reais e presentes em cada indivíduo, que o desenraíza da vida social. (PEDERIVA, p, 75)

A escolarização não tem sido capaz, de fato, de promover a aprendizagem tanto na dimensão formativa quanto na dimensão ética (CAMPOLINA; MARTINEZ, 2011, p. 33)

Segundo Tunes (2011a) através do controle social da aprendizagem que se regulamenta o ensino que admite que aprender é igual a ensinar. Por mais que estes aspectos aparentem conexão direta devido ao processo e lógica escolar de uniformização, que apresentam caminhos e metas para o processo de aprendizagem, não devem ser confundidos “aprender não é uma imagem especular do ensinar e nem o segue diretamente” (TUNES, 2011a, p.12).

Através da relação lógica do ensino, na escola, o conhecimento é sequenciado, hierarquizado, tornando-se a base da ação docente com resultados esperados do aluno. Enquanto aprender depende de processo individual e de caráter social, pois se aprende com o outro através das vivências, relações entre o ambiente social e a pessoa.

Apresentam-se conteúdos específicos com estratégias e tempos de apresentação e verificação de grau de penetração no aluno. Os meios de instrução e aprendizagem passam a ser considerados elementos significativos do ensino, o professor, e a leitura, instrução e estudo passam a ser sinônimo de aprendizagem formal.

Controlando o professor para programar a uniformização do conteúdo, currículo, o que não garante que o mesmo processo ocorra ao aluno, cumprir o roteiro programado, como afirmado anteriormente tem algum tipo de dificuldade de aprendizagem. Com o crescente fracasso do aluno e suas diversas categorizações passa-se utilizar a lógica do que não aprender, não está no aluno, mas no professor criam-se processos de formação continuada (TUNES, 2011).

Noção difundida sobre a uniformidade de interesses e competências que se orienta a partir da idade/faixa etária e noção psicológica de fase de desenvolvimento (CAMPOLINA; MARTINEZ, 2011, p. 36)

Uniformizando não só o conteúdo mas também as diferenças através de dispositivos simbólicos tais como: idade/ano escolar, sala de aula, reprodução de visões de mundo, papéis de gênero e representação social sobre ser adulto e ser criança. Aspectos que acabam se naturalizando passam a ser compreendidos de forma hierarquizada, a capacidade de aprender é determinada pela faixa etária.

### **3.2 Escolarização dos Museus**

No Brasil, segundo Lopes (1991) a Escola Nova, insere aspectos pedagógicos que são assumidos pelo museu significativo “avanço para o rompimento da inércia em que sobreviviam os museus brasileiros”(LOPES, 1991, p.446) . Esforço de modernização que auxiliou o museu a sair da estagnação em que se encontrava, inserindo-o em um processo de



escolarização não apenas pelas relações diretas com a escola, mas pela inserção em uma mentalidade escolarizada de produção de atividades educativas.

Embora as ideias escolanovista tenham significado um avanço para o rompimento da inércia em que sobreviviam os museus brasileiros, inserindo-os nos esforços internacionais por modernização, essas concepções impregnaram desde então nossos museus de seu papel de complemento ao ensino escolar (LOPES, 1991, p.446)

Segundo Lopes (1991), a instituição museu originalmente se enquadra em um espaço não-formal de educação, onde a experimentação poderia ser possível, mas devido ao processo de escolarização, as práticas pedagógicas dos museus ainda estão arraigadas a uma prática pedagógica da escola. E devido ao grande fluxo de visitas escolares ao museus acaba-se criando um círculo vicioso, para atender a demanda as visitas e as práticas pedagógicas do museu tonam-se compatíveis com as escolares.

Do ponto de vista metodológico, observamos que as práticas pedagógicas inadequadas, utilizadas pela escola, e que vêm ao longo de todos os períodos da nossa História formando indivíduos pouco criativos, incapazes de produzir, observar e concluir, a partir de uma análise crítica, têm sido reproduzidos pelos museus (SANTOS, 1994, p.58)

O processo de escolarização não se restringe apenas a uma instituição, mas na construção de mentalidades, que levam em conta e processo o não a substância, que entendem que o ensinar na escola é diretamente relacionado ao aprender, que a disposição de visitas guiadas, materiais didáticos e diversas atividades educativas, nos museus é diretamente relacionada à aprendizagem no espaço museal.

Não apenas a educação, mas também a própria realidade social tornou-se escolarizada (ILLICH, ANO, p.17)

No caso do museu, inicialmente o caráter educativo do museu encontrava-se em dispor para especialistas e universitários materiais de estudo para suas pesquisas e aulas, posteriormente com a abertura pública dos museus, a diversidade de públicos e a pesquisa de público para

compreensão da aprendizagem dos museus, e das experiências nestes espaço desenvolvendo a partir disso em setor educativo, tendo em vista que a maior parte das visitas a museus é proveniente do público infanto-juvenil acompanhado das escolas, mesmo que tenha ocorrido um processo de renovação museológica para sair do estigma de complementar do currículo escola, e que tenham uma prática pedagógica distinta deste espaço.

Mesmo que a Instituição Museu não se proponha a levar em conta os Parâmetros Curriculares Nacionais, na montagem de suas ações educativas. A visita escolar a museus ainda dispõe de hábitos escolarizados, de composição e comportamento e demandas escolares a estes espaços ou a divisão de programas educativos a partir da faixa etária, crianças, adultos, idosos mesmo que as atividades do museu não possuam caráter restritivo.

Diversos aspectos se modificaram nas concepções de museu levando a considerá-lo como espaço social, que dispõe de funções sociais, entre elas a função educativa e de transformação. Compreendendo a identidade da instituição e que cada uma possui forma única de se relacionar com o público, mas levando em conta não só o trabalho com as coleções mas com os sujeitos. Importante que para tal desenvolvimento possa se ter uma noção ampliada de patrimônio, levando em conta a coleção, entorno e as manifestações imateriais do patrimônio. As relações com os objetos museológicos não devem ser frias, distantes, onde o estudante ao visitar o museu não simplesmente possa ter acesso a informações, mas desenvolver conhecimento e se sinta acolhido e capaz de criar laços afetivos com o espaço, exposição, colegas e professores.

O museu e a escola possam levar em conta uma atuação conjunta e dialógica entre campos, dentro e fora de suas instituições. Não apenas para a transmissão de conhecimentos, mas para a partilha dentro de um processo infinito que é o aprender, considerando a flexibilidade nas formas, interpretações individuais e criatividade.

Ambos os espaços, museu e escola, dispõe de possibilidades para uma educação autônoma que não só reproduza mas desenvolva capacidades críticas, dialógicas e emotivas. Desnaturalizando, desmistificando e identificando aspectos importantes, dentro de discursos e linguagens próprias aos dois espaços, para abertura troca que possa ser contextualizados, dispostos e interativos.

Entender o museu em sua função social e espaço possível de transformação de realidades, pode não parecer um discurso novo aqueles adentrados nas teorias deste espaço, mas que não

possui caráter homogêneo entre as instituições. Compreendendo aqui esta transformação da realidade, não necessariamente de caráter ideológico mas principalmente na compreensão da diversidade cultural, tirando o público de consumidor da cultura para protagonista cultural

#### 4. Considerações finais

Compreender este trabalho como parte de um processo reflexivo, dispões elucidar e criar questões sobre a temática. Não há predisposição de conceber respostas prontas, quadradas e não ajustáveis a este trabalho. Primeiro por que não se leva em conta a amplitude teórica e pratica da museologia, apenas alguns aspectos, considerando neste trabalho majoritariamente uma concepção tradicional de museu. Segundo a não existência do Museu e sim de Museus, dentro da diversidade temática que estes possam assumir.

Apesar da pesquisa ser realizada pela perspectiva Museu x Escola, ressalto que a escolarização é um processo maior que as instituições, como dito anteriormente, mas presente na mentalidade escolarizada das pessoas e um tanto quanto difícil de fugir, exemplo mesmo este trabalho discutindo escolarização dentro do fazer e modelo acadêmico. Vivemos em uma sociedade escolarizada onde não apenas o referencial educacional que a escola traz mas o ser, é escolarizados. O quanto se sabe é medido pelo tempo que se passou dentro do ambiente escolar.

Este trabalho dispõe de limitações, recorrentes ao tempo, interesse, aprofundamento em uma temática complexa. E importante compreender que cada instituição tem poder autônomo para compor seu caráter educativo, enquanto setor e ação educativa. Aspectos educativos tais como a vivencia do individuo nos espaços é única e individual.

Ainda não é possível responder ao certo a partir desta pesquisa qual é a função educativa para o museu, mas creio que devo concordar com Mario Chagas (2001-2) que talvez não exista uma função educativa, mas dimensões educativas compreendendo como funções do museu suas funções básicas, comunicar, preservar, investigar. Entendendo educação enquanto finalidade conectadas as funções básicas e suas perspectivas sociais, políticas e econômicas. Utilizando então dimensão como “extensão, volume, grau de potencia, qualidade e caráter próprio de determinadas entidades museais no que se refere à educação e ao lazer” (CHAGAS, 2001-2, p.47) em que as relações propiciadas pelos museus são “campo fértil para ocorrência o processo educativo transformador, capaz de estimular a descoberta, de produzir novo conhecimento, de despertar novas emoções, sensações e intuições (CÂNDIDO apud CHAGAS,2003,p.192)

## Referência bibliográfica

BATISTA, Sueli Soares dos Santos. “**Museu Vivo**”: massificação e escolarização dos museu. Revista Olhar, ano 4, nº7, jul-dez, 2003, p. 70-9.

BRASIL. **Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 14 jan. 2009. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)> Acesso em: 31 de out. de 2014.

BEMVENUTI, Alice. **Museus e Educação em Museus** – História, Metodologia e Projetos, com análises de caso: Museu de arte Contemporânea de São Paulo, Niterói e Rio Grande do Sul. Dissertação . Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004, 393p.

CAMPALINA, Luciana de Oliveira; MARTINEZ, Albertina Mitjás. **A escola em sua dimensão reprodutiva: possibilidades e limites de inovação na educação**. In: Sem escola, sem documento. E-papers Rio de Janeiro, 2011 p. 31-59.

CÂNDIDO, M.. **CAPÍTULO 3 - NOVAS ONDAS DO PENSAMENTO MUSEOLÓGICO BRASILEIRO**. Cadernos de Sociomuseologia, América do Norte, 20, Jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/376>>. Acesso em: 21 Nov. 2014

CHAGAS, Mario. **Museu de Ciências: assim é, se lhe parece**. O Formal e não-formal na dimensão educativa do museu. Caderno do Museu da Vida. 2001-2.

\_\_\_\_\_. **1ª PARTE - VULCÃO**. In: Há uma gota de sangue em cada museu: a ótica museológica de Mário de Andrade. Cadernos de Sociomuseologia, América do Norte, 13, Jun. 2009. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/323/232>>. Acesso em: 15 Dec. 2014.

CERQUEIRA, Nilo. **A crise de identidade do museu**: ensaio sobre o “ser ou não ser” dos museus. Caderno de Sociomuseologia. 2013, vol.45, p.131-157.

COELHO, Erica Andreza. **Relação entre o Museu e a escola**. UNISAL, 2009.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chave de museologia**. São Paulo: Armand Colin, 2013. Disponível em: <[http://www.cpscetec.com.br/memorias/ADM/arquivos/Conceitos-ChavedeMuseologia\\_pt.pdf](http://www.cpscetec.com.br/memorias/ADM/arquivos/Conceitos-ChavedeMuseologia_pt.pdf)>. Acesso em: 31 de out. 2014.

HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca. **Manual de museología**. Madrid: Editorial Síntesis, 2001. 318 p

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985.127p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS - IBRAM. **Carta de Petrópolis** - Subsídios para a construção de uma Política Nacional de Educação Museal. Rio de Janeiro, jul.2010.

INTERNACIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). **Development of the Museum Definition according to ICOM Statutes: 2007-1946**. 2012. Disponível em: <[http://archives.icom.museum/hist\\_def\\_eng.html](http://archives.icom.museum/hist_def_eng.html)>. Acesso em: 10 out 2014.

FIGURELLI, Gabriela Ramos. **Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano**. In: Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 4 no 2 – 2011. p.111 – 130.

JULIÃO, Letícia. **Apontamentos sobre a história do museu**. In: Caderno de Diretrizes Museológicas I. Brasília: Ministério da Cultura/Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006. 2º Edição. 19-32

KNAUSS, Paulo. **A presença de estudantes: o encontro de museus e escola no Brasil a partir da década de 50 do século XX**. *Varia hist.*, Belo Horizonte , v. 27, n. 46, Dec. 2011 . Disponível em :<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752011000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752011000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 04 Nov. 2014.

KOPTCKE, Sepúlveda Luciana. **Analisando a dinâmica da Relação museu – educação formal**. In: O formal e o não-formal na dimensão educativa do museu . Caderno do museu da Vida, 2001/2002, p. 16- 25.

LOPES, Maria Margaret. **A favor da desescolarização dos museus**. *Educação e Sociedade*, vol.40, dez.1991, p.443- 455.

LOURENÇO, Maria Lucia N. M. SILVA, Douglas F. **A exposição como “obra aberta”: breves reflexões sobre interatividade.** X Reunión de la Red de Popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe (RED POP - UNESCO) y IV Taller “Ciencia, Comunicación y Sociedad” San José, Costa Rica, 9 al 11 de mayo, 2007 . 7 p. Disponível em : < <http://www.cientec.or.cr/pop/2007/BR-MariaLuciaLoureiro.pdf> > Acesso em: 31 de Out. de 2014.

MARANDINO, M. . **Interfaces na Relação Museu-Escola.** Caderno Catarinense de Ensino de Física, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2001.

MARTINS, L. C. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia.** 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/>>. Acesso em: 2014-10-26

MARTINS. L.C. (Org.), NAVAS, A.M., CONTIER, Djana, SOUZA, M.P.C. **Que público é esse?** Formação de públicos de museus e centros culturais. Pertence. Instituto Votorantim. Programa de Ação Cultural da Secretaria do Estado de Cultura (ProAC). 80p. Disponível em : < <http://percebeeduca.com.br/publicos-e-exposicoes/#.VFOvxzTF8II> > Acesso em : 31 de out. 2014.

MUSEU, Instituto Brasileiro de. **Relatório final da pesquisa - O “não-público dos museus: levantamento estatístico sobre o “não ir” a museus do Distrito Federal.** Brasília, 2012. Disponível em <[http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/PesquisaNAOpublico\\_RELATORIOmaio2013.pdf](http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/05/PesquisaNAOpublico_RELATORIOmaio2013.pdf)> Acesso em: 16 de dez. de 2014.

REVISTA MUSEU. **Glossário:** ação educativa. Disponível em: < [http://www.revistamuseu.com.br/glossario/pop\\_glos.asp?id=844](http://www.revistamuseu.com.br/glossario/pop_glos.asp?id=844) > acesso em 06 de out. de 2014.

SANTOS, M.. **A Escola e o Museu no Brasil** : Uma história dos interesses da classe dominante. Cadernos de Sociomuseologia, 1994, vol.3 p41-66. Disponível em:

<<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/306/215>>.

Acesso em: 07 Oct. 2014

\_\_\_\_\_. **Museu e Educação: conceitos e métodos**. Artigo extraído do texto produzido para aula inaugural – 2001, do Curso de Especialização em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, proferida na abertura do Simpósio Internacional “Museu e Educação: conceitos e métodos”, realizado no período de 20 a 25 de agosto. Disponível em > [http://www.rem.org.br/download/MUSEU\\_E\\_EDUCA\\_O\\_conceitos\\_e\\_m\\_todos\\_Porto\\_Alegre\[1\].pdf](http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_EDUCA_O_conceitos_e_m_todos_Porto_Alegre[1].pdf) >

SOTO, Moana Campos. **Dos gabinetes de Curiosidade aos museus comunitários: a construção de uma concepção Museal a serviço da transformação social**. Caderno de Sociomuseologia. 2014, vol. 48, p.57-84.

SUANO, Marlene. **O que é Museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEDERIVA, Patricia. **A escolarização da atividade musical**, In: Sem escola, sem documento. E-papers Rio de Janeiro, 2011 p.

PEREIRA, J.S. , SIMAN, L.M. C., COSTA, C.M., NASCIMENTO, S. S. **Escola e museu :diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura / Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais / Cefor, 2007. 128 p.

TUNES, Elizabeth. **É necessário a crítica radical a escola**. In: Sem escola, sem documento. E-papers Rio de Janeiro, 2011 p. 9-13.

\_\_\_\_\_. **O silêncio ou a profanação do outro**. In: Sem escola, sem documento. E-papers Rio de Janeiro, 2011 p. 15-30.